



## NIETZSCHE COM E CONTRA KANT:

**seria ou não um conflito extemporâneo no campo da moral.**

*Marcos da Silva<sup>1</sup>*

 <https://orcid.org/0009-0006-7358-5814>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.1.8531>

**RESUMO:** O primeiro objetivo é compreender alguns pontos básicos da Ética do Dever articulada por Immanuel Kant (1724-1804). Na sequência, busca-se compreender as críticas a essa filosofia por parte de Nietzsche (1844-1900), que enfocavam a abordagem racionalista e universalista de Kant à moralidade. Nietzsche promoveu uma moralidade mais individualista e de afirmação da vida baseada na vontade e nos instintos do indivíduo. Portanto, há um claro conflito entre suas filosofias morais, embora as críticas de Nietzsche fossem dirigidas à teoria moral de Kant, não a Kant como indivíduo. Nietzsche viu a filosofia moral de Kant como representando uma moralidade "sacerdotal" que nega a vida, enquanto ele queria promover uma moralidade que afirma a vida. Dessa forma, questionaremos as noções kantianas de dever, liberdade, imperativo categórico, moralidade e virtude. Em contrapartida, analisaremos as questões de Nietzsche sobre a impossibilidade da moralidade pelo dever, a crítica ao imperativo categórico, e a própria coisa, mostrando o que pode servir de ensaio para a ideia de virtude do autor.

**Palavras-chaves:** Dever, Liberdade, Moral, Imperativo Categórico, Nietzsche, Kant.

## NIETZSCHE WITH AND AGAINST KANT:

**whether or not it would be an extemporaneous conflict in the field of morals.**

**ABSTRACT:** The first objective is to understand some basic points of the Ethics of Duty articulated by Immanuel Kant (1724-1804). Next, we seek to understand the criticisms of this philosophy by Nietzsche (1844-1900), which focused on Kant's rationalist and universalist approach to morality. Nietzsche promoted a more individualistic and life-affirming morality based on the will and instincts of the individual. Therefore, there is a clear conflict between their moral philosophies, although Nietzsche's criticisms were directed at Kant's moral theory, not at Kant as an individual. Nietzsche saw Kant's moral philosophy as representing a life-denying "priestly" morality, while he wanted to promote a life-affirming morality. In this way, we will question Kant's notions of duty, freedom, categorical imperative, morality and virtue. On the other hand, we will analyze Nietzsche's questions about the impossibility of morality

---

<sup>1</sup> Doutorando em Extensão Rural - UFSM Mestre em Ciências Sociais - UFSM Mestre em Educação - UNISC Esp. em Gestão Educacional - UFSM Esp. em Educação Ambiental - UFSM Esp. em Mídias na Educação - UFPEL Esp. em Metodologias e Práticas para Educação Básica - IFFarroupilha Esp. em Espaço e Possibilidade para Educação continuada – IFSUL Esp. em Coordenação e Supervisão pedagógica - Dom Alberto; Licenciado em Filosofia – UNIFRA; Licenciado em Pedagogia – UFSM. E-mail: marcoaurelio22000@yahoo.com.br; <http://lattes.cnpq.br/6665383866556823>.





through duty, the criticism of the categorical imperative, and the thing itself, showing what can serve as a test for the author's idea of virtue.

**Keywords:** Duty, Freedom, Morals, Categorical Imperative, Nietzsche, Kant.

## INTRODUÇÃO

Ora, este estudo projeta roborar possíveis caminhos no que tange investigar, analisar e compreender os conceitos fundamentais da filosofia moral, kantiana, ou seja, a ideia de dever, liberdade, imperativo categórico, moralidade e virtude estão em conflitos com o entendimento de Nietzsche. O escrito estrutura-se a partir de uma revisão teórica, objetivando o entendimento sobre a estrutura universalista de moral apresentada por Kant, e ao mesmo tempo analisar se as críticas apresentadas por Nietzsche se justificam. O qual debruçou-se nos conceitos *de transvaloração dos valores, virtude, vontade de potência e o ato de ressignificar*. O interessante aqui é que se trata de uma análise teórica do que chamamos de "conversas entre os mortos".

Presumivelmente, os extremos opostos do pensamento são definidos pela filosofia moral, ou o que é comumente chamado de filosofia prática. Assim, são frutíferas as proposições que ambos estabelecem sobre formas de comportamento humano, ideias de responsabilidade, de liberdade e o papel da razão nesses sistemas.

O fundamento básico da filosofia moral de Kant é sua ética deontológica (regida pelo dever inescapável). Os pressupostos subjacentes a esse fundamento podem ser encontrados em conceitos como imperativo categórico e virtude. Kant é, portanto, baseado em um formato normativo destinado a promulgar princípios claros para o comportamento humano de acordo com os valores pretensiosos do universalismo.

Na direção oposta, encontramos a crítica direta de Nietzsche a Kant. Para animar essa discussão, nos voltaremos contra a teoria racionalista de Kant, apelando para a filosofia prática, para a humanidade e para a autenticidade. Nietzsche tomou o movimento oposto da filosofia moral de Kant, reafirmando reivindicações universalistas da validade incondicional da moralidade, dever e obrigação, colocando individualidade e autenticidade no centro do comportamento humano. A questão é: diante da acusação de Nietzsche contra Kant, pode-se advogar ou não!?



O ponto central em “Os fundamentos metafísicos da moral” (1785), diz respeito à natureza do comportamento humano. Suspeitamos que há o primeiro ponto: *o que é e como praticar a ética da responsabilidade apresentada por Kant? Por que ela é classificada como ética normativa ou ética deontológica no curso da tradição filosófica?* No entendimento de Kant, regras de ação formuladas terão força normativa e devem ser sempre aceitas. *Mas, como ficaria o direito de escolher ou variação do curso de ação em função das consequências impostas ou das circunstâncias de fato?* Presumo que para Kant já exista um reino predeterminado de possibilidades, e que em nenhum caso isso abra espaço para a incerteza, pois a certeza da correção não é afetada pelo objetivo a ser alcançado, porém, de acordo com as regras e normas em que a ação se baseia.

Kant não ignora a liberdade, pelo contrário, para o autor, a liberdade é condição de possibilidade da moralidade, que ele define como o imperativo categórico da moralidade. Outro ponto igualmente importante é a compreensão das paixões (sentimentos), que são considerados obstáculos à ação moral por dever, pois mascaram a razão humana e, por isso, devem ser acompanhados neste trabalho.

Para Nietzsche, no entanto, a paixão não é entendida de forma negativa, como uma parte inescapável da natureza humana, que a razão pode controlar até certo ponto, mas não pode destruir. Dentro do referencial teórico de Kant encontraremos “concretamente” a ideia de virtude e o conceito de pessoa virtuosa na obra *Metafísica dos Costumes: A Doutrina da Virtude* (1797). Aqui, pressuponho que possa haver uma aproximação entre os dois autores, bem como um distanciamento psicológico.

Já a perspectiva crítica de Nietzsche quanto à ética de Kant a qual parece ser uma *verdade impossível*, pois os filósofos veem como uma forma de escapar da humanidade, por conseguinte pretendem substituir a individualidade por obrigações incondicionais, e levam a acreditar que o homem persegue a impessoalidade e o altruísmo. A ética de Nietzsche centrou-se na ideia de um “*estilo de ser*”, a natureza do indivíduo. Observe que o conceito de imperativo categórico é de importância fundamental na estrutura ética de Kant, que busca uma fórmula universal para regular o comportamento humano do ponto de vista moral, com o objetivo de verificar a validade do comportamento por meio de máximas que servem como base para uma ação.



Esse procedimento é chamado de imperativo categórico, e não é influenciado por fatos externos ou internos que justificam a ação conforme o dever, pois esse imperativo (lei moral) está sujeito a conduta humana a um único motivo: o respeito ilimitado a essa lei, que se traduz em ação incondicional chamada ação de dever.

Nietzsche definiu esse conceito kantiano como uma pressão externa que não satisfaz a necessidade de um indivíduo de agir única e autenticamente. O que, na visão de Nietzsche, faz parte da condição humana o desejo de poder afirmativo que tem como objetivo a criação de significados e valores. Essa moral é estabelecida pelo reconhecimento da individualidade. Não se baseia em um código de conduta universal propagado por pressões metafísicas, mas sim na singularidade de cada indivíduo que defende seus próprios interesses, egoísmo, prazer e gozo da vida, substituindo assim o sentimento de culpa por outro de responsabilidade. Portanto, esta é uma lei pessoal e não lei universal que nos coíbi como o imperativo categórico kantiano.

Podemos ver que a paixão é analisada negativamente como um obstáculo à ação racional e ao cumprimento das obrigações morais. Assim, essas emoções são compreendidas por Kant como doenças da mente. exemplos de paixão amorosa, ambição, ganância, sede de vingança e anseio sexual são outros exemplos que surgem ao longo deste artigo. Ao contrário de Kant, trazemos à mente a ideia de paixão, que Nietzsche entende no sentido positivo da filósofa, ou seja, como verdadeira fonte da virtude. É por isso que Nietzsche reconheceu a paixão e o amor como os fundamentos da vida que conduzem as maiores criações humanas na arte na política e na filosofia.

Assim, o filósofo questiona a primazia da razão proposta por seu antecessor, e acaba operando uma inversão de valores, ao suscitar luxúrias, como o anseio de vingança, o egoísmo, o ímpeto sexual, como pertença e necessidade à natureza humana., assumindo um papel fundamental para a nossa existência.

Na obra *Metafísica dos Costumes* (1793), Kant entende por virtude uma disposição de natureza racional que nos leva a cumprir nosso dever moral independentemente de interferências externas, como inclinações e sentimentos. Kant mostrou que a virtude é pura intenção, ou seja, distinguir se uma ação é boa ou não. Ou seja, é que verificar as pré-condições. Portanto, a ação dotada de virtude merece grande admiração, pois é difícil resistir às interferências externas e agir apenas pelo caráter que fundamenta a razão. Nietzsche, ao



contrário de seu antecessor, introduziu o conceito de moralidade, relacionando-a intimamente com sentimentos e desejos. Ele traça uma ligação entre a moral kantiana e a moral cristã (ambas ligadas à moral do jugo, na qual critica essas doutrinas por tornar os homens mais dóceis e por elevar ao patamar das virtudes o que há de mais fraco no homem deixando de lado sua verdadeira potencialidade/vontade natural.

Pode-se ver como os programas filosóficos de Kant e Nietzsche diferem entre si. A hostilidade que marca esse encontro pode ser rastreada. Por alguma razão histórica, as duras críticas de Nietzsche aos conceitos básicos da moralidade kantiana permanecem sem resposta, mas, como pode ser cabido, Kant tem algumas boas objeções a oferecer. A mais óbvia é a asserção de Nietzsche de uma moralidade privada, individualista e profundamente pessoal, baseada no eu egoísta.

Para cada arquétipo de Kant pretendida como ética, o princípio do mínimo de Totalidade deve ser incorporado. (universalidade) de uma forma impessoal para a comunidade. Dessa forma, qualquer pretensão ética que não esteja alicerçada nesses fundamentos seria nulo e sem efeito. Em relação a essa proposta, Nietzsche nunca pretendeu fundar uma ética formal, com pressupostos incontestáveis, mas sim uma estilística da existência fundada nos princípios de espíritos livres, incapazes de serem compreendidos por racionalista como Kant.

A liberdade no sistema de Kant é entendida como a pedra angular de sua filosofia moral. Porque somente a partir desse conceito básico a filosofia prática da vida humana pode ser estabelecida e realizada. Para entender esse conceito, é preciso compreender a autonomia da vontade como realização da razão prática, voltada para a liberdade como causa íntima da moral, concreta, ação humana, pensamento incondicional, filosofia.

O homem só é verdadeiramente livre quando é capaz de resistir a limites sensíveis (empíricos) e é finalmente guiado total e exclusivamente pela razão, ou seja, quando respeita a lei moral universal sem limites. Kant definiu o conceito de liberdade como uma interpretação autônoma da vontade, uma maneira pela qual as possibilidades morais e a moralidade geral podem ser moldadas racionalmente. Kant definiu a vontade como a causa da existência racional, dotada do atributo da liberdade como razão e agindo independentemente de decisões externas. A liberdade é



distinta da necessidade natural, causa irracional da existência, porque opera por meio de estímulos externos ditados estritamente pela emoção.

Desta forma, como o conceito de liberdade é derivado da razão prática pura, ele adquire conteúdo transcendental porque não pode ser justificado no mundo dos fenômenos. A liberdade é uma condição da existência moral. Em sua obra seminal sobre a metafísica da moralidade, Kant abre a possibilidade de um raciocínio baseado na moralidade como princípio normativo da ação humana, da liberdade e da razão prática (KANT, 2009).

Kant definiu a liberdade como algo que existe em todos os seres racionais e assumiu que a liberdade não é nada, embora uma pessoa só possa ser considerada livre se agir estritamente de acordo com ideias livres que só podem ser testadas do ponto de vista filosófico ou teórico. Tem a ver com livre arbítrio ou liberdade ilimitada de escolha.

Pelo contrário, adere ao reino da razão, respeita plenamente a incontornável lei moral e limita-se à possibilidade de agir de acordo com as emendas. Portanto, a escolha entre o certo e o errado está fechada, e a liberdade será determinada pelo princípio autônomo da vontade do bem absoluto. Se nosso comportamento puder ser generalizado sem comprometer a liberdade dos outros, logo seremos livres (Kant, 2009).

Se, por um lado, nossas ações são regidas por leis que impõem sanções caso não as cumpramos, então a lógica da moralidade é outra. Porque respeitam apenas a lei moral. as consequências de nossas ações. Afeta negativamente a nós ou aos outros. Ou seja, devemos obedecer apenas às leis óbvias que parecem definíveis com boas intenções. Kant tem aforismos como não minta, não roube, não mate, etc, que nada têm a ver com a situação real são sempre condenáveis, mesmo que o resultado não seja a nosso favor. Nesse sentido, a liberdade é fundamental porque é uma pré-condição para determinar e controlar racionalmente a vontade, tornando a vontade livre dos desejos e inclinações humana sem livre arbítrio

Liberdade, para Kant, é agir de acordo com os controles que fundamentam a ação. Por exemplo, dizer a verdade é sempre a escolha certa. Esse filósofo define a liberdade como o viés da consciência em relação à lei moral (KANT,2009). Assim, a liberdade adquire o status de condição indispensável para possibilidade da universalidade dos princípios dos motivos morais ou das ações morais, uma vez que dela derivam os imperativos das categorias morais.



O conceito de imperativo categórico no sistema de ética de Kant, um procedimento adotado pelos filósofos, estabelece certos padrões pelos quais o certo e o errado podem ser entendidos. O que deve ser entendido como moralmente correto nada tem a ver com a experiência perceptiva ou o sentimento de felicidade que é determinado pela ação. Ao contrário do que tem sido proposto, a legislação dos deveres erga omnes proposta na Ética do Dever não corresponde às expectativas. Na ética cristã (religiosa) há um núcleo de imperativos de comando que não precisam ser testados, definidos como verdadeiros e corretos sem passar pelo filtro da razão, ou seja, do processo da razão. Validar em caso especial. Na ética do dever, Kant busca uma fórmula universal para regular o comportamento humano do ponto de vista moral, que pretende ser respaldado por princípios de ação.

Esse processo é chamado de imperativo categórico. A razão pela qual não é limitada por fatos externos ou internos que justifiquem a ação de acordo com o dever é que esse imperativo (a lei moral) subordina as ações humanas a um único motivo a ação. O filósofo tenta mostrar que o significado do procedimento adotado pelo imperativo categórico pode ser determinado de acordo com um entendimento comum de moralidade. Deve-se notar aqui que há uma diferença fundamental entre agir de acordo com o dever como Kant o entende. Do exposto, podemos concluir que a ação moral de Kant deve ser a indiferença. Ou seja, não podemos atribuir motivos que nos fazem agir de determinada forma, e mesmo nossa felicidade deve ser considerada o bem comum, em essência. direito, independentemente do resultado.

Por exemplo, os atores que dizem a verdade não podem ser responsabilizados pelas consequências de suas ações, nem para si mesmos nem para os outros. Todo mundo tem o direito de mentir a qualquer momento. Tais regras levam à instabilidade. Como Kant tornou seu código moral independente do empirismo, o procedimento aqui utilizado nada tem a ver com a experimentação científica tal como a conhecemos nos tempos modernos. Um exemplo de como a lei moral funciona é reforçar e promover especificamente o dever da ação moral, que é definida como uma ação ideal, pura e sem objetivo, independentemente do egoísmo.

Kant o define como uma ação por dever, que não é entendida como má, mas como impura porque é motivada por um desejo racional, como não roubar por medo de punição. O oposto dessas expressões é a ação contra a lei moral, cuja causa fundamental é a fraqueza da vontade. Dessa forma, o filósofo procura criar nas pessoas a necessidade de absorver



plenamente a lei moral, não deixando espaço para uma ação desregrada a fim de seguir esse procedimento inabalável.

O filósofo insiste que o homem deve lutar contra as tendências negativas que surgem do mal: fraqueza da vontade, impureza, agir por propósito ou dever e o próprio mal. "Sonhos" também liberam uma pessoa do desejo (sexualidade). Essa luta constante é necessária para a realização da verdadeira lei moral como uma personalidade humana inteligível que dá autonomia ao homem quando ele goza plenamente das premissas contidas nas várias formulações do imperativo moral categórico.

A sua aquisição implica inevitavelmente uma procura da afirmação da primeira parte das Obras Fundamentais da Metafísica Moral. Assim, podemos concluir que o conceito de dever no sistema moral de Kant é baseado no dever de um homem livre de seguir regras para se comportar bem, e que essas regras são expressas em máximas filtradas por procedimentos estabelecidos em procedimentos categóricos, fórmula necessária. É uma forma única e exclusiva de promover a superioridade e aprovar universalmente o comportamento moral.

Em sua obra madura *Antropologia de uma perspectiva pragmática* (1798), Kant geralmente relaciona a diferença entre o desejo (luxúria, instinto) ao prazer e a força da relutância, o desejo nele contido. Será instinto, luxúria, luxúria e luxúria o outro é amor. Embora emoções e paixões formem uma relação antagônica entre emoções e paixões porque raramente existem e são consideradas diferentes tipos de emoções, na filosofia de Kant existem certas semelhanças porque ambas são consideradas obstáculos reais. Seguindo as regras da moralidade universal determinadas pelo bom funcionamento da mente humana e pela ordem das categorias envolvidas na metafísica moral (KANT, 2006).

Kant distingue paixões (pertencentes à função do desejo) e emoções (pertencentes à função do prazer e da dor). Ambos dificultam a ação racional porque impedem a intuição e a compreensão plena da situação real. Mas onde reina o amor, a razão não passa. O amor é uma emoção fugaz (explosão repentina), como sabemos, a paixão mantém um baixo nível de racionalidade. alguém que você ama. As diferenças não param por aí. Kant concluiu que o amor é caracterizado por uma natureza fugaz e obsessiva e é o resultado de uma explosão incontrolável de emoções violentas sem um objetivo específico.



Ou seja, a fraqueza da vontade aparece repentinamente no entendimento do sujeito afetado. Por causa das características acima, o amor verdadeiro é considerado mais superficial (físico), impulsivo, intenso, terno e gentil do que a paixão, que tem qualidades mais duradouras, pensativas e profundas (que se desenvolvem com o tempo). pequeno, colocado na alma). O amante (por exemplo, no caso de uma paixão amorosa) não mede o resultado da realização de seus desejos, o que revela a natureza insidiosa e oculta da paixão que leva o sujeito a agir de acordo com seus desejos.

A paixão amorosa tem certas características em relação a outros tipos de paixão (por exemplo, desejo de fama, desejo de poder, desejo de dinheiro, ganância). Eles diferem dos outros tipos de luxúria porque são extintos quando o propósito da vontade é alcançado (isto é, os desejos de amor são extintos quando as necessidades do corpo são satisfeitas). Desejo." Comparação dessas duas formas emocionais (KANT, 2006).

Depois de examinar a diferença entre emoções e apaixonar-se, passemos a uma análise mais detalhada das emoções. Usando a razão para neutralizar os afetos (emoções sutis que acompanham as funções de prazer e aversão), que sabidamente impedem as pessoas de apreciar adequadamente a realidade, Kant postula uma relação antagônica entre o reino da alma e a conquista do imperdoável. A vontade moral da natureza. O filósofo argumenta que uma pessoa dotada de sabedoria não pode sofrer por amor. Porque te deixa ciente da situação que você está passando. Ele chamou isso de princípio da indiferença.

Portanto, o sábio deve evitar o amor. Porque ele tem inconsciência eterna. Isso significa que você precisa de bom senso para assumir a responsabilidade por sua situação por meio da reflexão. Isso significa que temos que controlar nossas provas de amor em casos individuais (KANT, 2006). Desta passagem explicativa concluímos que o amor se caracteriza por extremos temerários diante dos acontecimentos da vida que poderiam ou deveriam ter sido evitados se a sombra da razão e da moral pura o ditasse. Os sentimentos dos ricos diante da taça de cristal são absurdos. Porque o objeto em si é irrelevante e muito importante.

Kant dá exemplos práticos das condições de expressão do amor, enfatizando a felicidade excessiva (satisfação, alegria) ou a tristeza como formas de amor que ameaçam a vida. Mais uma vez, Kant acreditava que a alegria excessiva era mais problemática do que a tristeza e poderia levar rapidamente a condições sufocantes e muitas vezes fatais. Num estado



triste, o coração naturalmente resiste ao amor, e a conquista é mais lenta e gradual. A ganância não é um bom critério para determinar moralidade ou motivação.

As emoções morais, em particular, estão mais relacionadas à racionalidade, mas compartilham as mesmas características de outras expressões emocionais imorais, como ansiedade, passividade, fraqueza e favoritismo. Essa característica torna difícil basear nosso comportamento moral nas emoções porque as emoções estão mudando constantemente. Por exemplo, uma pessoa pode mudar rapidamente de pena para raiva, mesmo sem perceber. De acordo com o ensinamento de Kant, precisamos de critérios universais e imutáveis para motivar nossas ações, e esses critérios devem estar em total conformidade com as leis transcendentais (requisitos categóricos).

A ética kantiana fundamenta-se em conceitos básicos como liberdade, virtude e autonomia, que se expressam em procedimentos apropriados adotados por meio de imperativos de categorias morais. Esses conceitos são entendidos como condições para a possibilidade da ação moral e permitem que os indivíduos adquiram a sabedoria necessária para eliminar tendências empíricas, entender o comportamento responsável e perder o interesse por objetivos egoístas. A própria lei acaba por permitir ao agente moral uma atribuição de valor real. Em uma boa "metafísica moral" é necessário enfatizar a diferença final dos fundamentos da metafísica moral. Se nesta obra a virtude tem uma função normativa relacionada com a validade das leis morais universais, então na metafísica ela adquire o caráter de estatuto antropológico necessário ao cumprimento de deveres genuínos.

Na ética kantiana, a compreensão da virtude é determinada pela capacidade de controlar tendências como desejos e emoções. Torne-se um fiel escudo da ação humana. Chegamos agora ao cerne deste artigo, continuando o estudo da filosofia moral do ponto de vista de F. Nietzsche, um dos principais críticos da ética da responsabilidade de Kant. Para esta análise iremos nos valer de sua obra mais importante sobre a moralidade e conhecer sua obra mais poderosa sobre a moral cristã. Foi assim que ele construiu a doutrina de Kant, entendida como uma moral puramente formal baseada na covardia e na fraqueza de espírito. Para isso, temos que seguir Nietzsche, o que é uma tarefa muito difícil porque, ao contrário de Kant, seus textos são muito fluidos. Raramente escreve sem o objetivo de conectar todas as suas ideias de forma ordenada, e isso não o diminui, pelo contrário, torna a missão mais provocativa.



Nietzsche considerou que a moral kantiana, baseada na ética do dever e na supremacia da razão prática, era uma forma de escravidão moral que reprimia os impulsos e desejos naturais dos indivíduos. Uma das críticas fundamentais de Nietzsche à moral de Kant se encontra em sua obra "A Genealogia da moral". Nietzsche argumenta que a moral kantiana, centrada na ideia do dever e da obrigação moral, é uma forma de negação da vida e da verdadeira natureza humana. Para isso, a moral de Kant representava uma negação dos impulsos vitais e uma supressão da vontade de poder, que Nietzsche considerava como o motor fundamental da existência humana.

Além disso, Nietzsche criticou a noção kantiana de autonomia moral. Segundo Kant, a moralidade radica na capacidade dos indivíduos de agir de acordo com a razão prática e cumprir com seus deveres morais. No entanto, Nietzsche sustentou que esta noção de autonomia moral era uma ilusão, já que todos os atos humanos são motivados por desejos e impulsos que escapam ao controle racional. Para Nietzsche, a moralidade não pode ser separada da naturalidade humana e dos impulsos vitais que o animal.

Além disso, Nietzsche viu na moral de Kant uma forma de negação da individualidade e a afirmação do rebanho. Para ele, a moral kantiana fomentava a uniformidade e a conformidade, e reprimia a individualidade e a excelência pessoal. Nietzsche advoga-se por uma ética baseada na vontade de poder e na afirmação da vida, que permite aos indivíduos desenvolver plenamente suas potencialidades e diferenciar-se do resto.

Em vários parágrafos de sua obra, Nietzsche declarou-se um fugitivo da natureza humana e um ferrenho crítico da ética do dever, que Kant expressou como impraticável no mundo real. conseguir muito emoção, que serve de consolo no mundo filosófico ideal (ou "teológico") de Kant. Nietzsche (1895) expressa seu desprezo pela obra de Kant no início de sua obra radical Anticristo. Porque Nietzsche se baseia em uma profunda filosofia de existência baseada no caráter, no egoísmo, na paixão, na autogestão, na individualidade e no egoísmo.

Uma filosofia baseada na necessidade do dever incondicional da razão de obedecer às regras, independentemente das circunstâncias particulares, logo seria abolida e reduzida a uma estrutura puramente formal sem atingir a possibilidade da ação humana. , cheio de retórica sobre um mundo perfeito. Desse ponto de vista, Nietzsche entendeu que o apelo de Kant aos universais tinha o poder de rebaixar o nível do homem. É por isso que ele chamou Kant de "o



chinês de Königsberg". Pois ele atribui aos chineses as qualidades de grandeza e grandeza como prejudiciais à natureza humana. Assim, Nietzsche percebe que está buscando sua própria superioridade, ou seja, que seu objetivo é exatamente o oposto do de Kant, e busca uma moralidade pessoal forte e madura (NIETZSCHE, 2010).

Nietzsche ensinou a ética do ser em vez de ser. Pressupõe que as pessoas têm diferentes necessidades de personalidade porque expressam experiências enraizadas em cada indivíduo e, assim, o comportamento humano é expresso pela manutenção de processos inconscientes pré-existentes. Nesse sentido, os seres humanos só podem operar dentro de limites auto-impostos, ao invés de estarem vinculados a princípios metafísicos ou procedimentos regidos a priori pela razão.

Uma das principais objeções à moralidade do dever decorre da impossibilidade de manutenção da moralidade por meio de procedimentos de raciocínio adequados que pudessem conferir validade absoluta e objetiva às suas disposições. Dessa forma, Nietzsche proclamou radicalmente a teoria da metamoralidade, ou seja, a teoria da história genealógica, porque previu um reexame dos estudos morais até o ponto em que tentou considerar a moral vigente derivada principalmente do cristianismo e da religião kantiana. objeção errada. Não está interessado em universais e seus objetivos.

Nietzsche também apontou que, uma vez que todos os discursos sobre moral são moldados e representados em um determinado tempo e lugar a partir da moral vigente, não faz sentido criar uma estrutura de moralidade que possa ser verificada independentemente dos fatores mencionados acima (OLIVEIRA, 2010).

Dessa forma, Nietzsche criou um projeto crítico para o que ele chama de moral decadente, um tipo de moral identificado principalmente na ética da responsabilidade e na moral cristã, egoísta, apóia o "altruísmo", a falta de egoísmo, reduzindo a pessoa, envenenando sua existência.

Nietzsche posicionou-se como o principal inimigo da ética deontológica. Sua ação foi, assim, denunciar a falácia e a incondicionalidade das proposições de valor universalistas para o trabalho realizado para assegurar uma certa moralidade, a fim de melhor justificar essas objeções, ao contrário da lógica utilizada por seus antecessores (NIETZSCHE, 2005).



Voltemos ao conceito original subjacente a todo o sistema ético de Kant, a chamada lei moral ou imperativo categórico.

Nietzsche tratou o imperativo categórico com ironia, zombando dele e eventualmente tentando relativizá-lo, traduzindo-o em uma suposição de transcendência que nada tem a ver com a realidade da ação individual e é considerada moral de qualquer maneira. pergunta. a abordagem de Kant a outros conceitos-chave, começando com a Crítica da Razão Prática em 1788; Embora critique noções populares que determinam a verdade sobre o homem, ele, como teólogo penitente, recorre a pressupostos fora da metafísica para estabelecer seu idealismo moral (NIETZSCHE, apud GIACOIA, 2012).

A proposta de Nietzsche, que partiu de um desejo positivo de vontade de poder, visa criar novos significados e valores em que a moralidade prima pelo reconhecimento da individualidade, não mais guiada pela moralidade universal, e por pressupostos metafísicos. a singularidade do indivíduo. Cada indivíduo e suas características físicas, necessidades fisiológicas, etc.

Isso significa que o filósofo odeia a moral proposta por Kant porque ela pertence ao chamado niilismo passivo. Esse niilismo passivo é definido como uma atitude letárgica, passiva e covarde em relação à vida que a nega em vez de afirmá-la. O fraco, uma posição que pode negar a distinção entre "mestre e escravo" e "homem grande e homem comum". Nietzsche mostra a beleza da paixão, adverte contra a impossibilidade de erradicá-la e enfatiza a necessidade e o dever da paixão por uma vida digna de ser vivida, na política ou na cultura da própria filosofia. Essa afirmação contradiz o ideal kantiano da supremacia da razão. Do ponto de vista de Nietzsche, a destruição das paixões significa, em última análise, o fim do próprio pensamento, o fim da posição questionadora natural do homem.

Em sua obra O Crepúsculo dos Ídolos, Nietzsche explicita a natureza das paixões e comenta como a moral cristã atual as trata de forma pejorativa, com a intenção expressa de erradicá-las da vida humana e castrar o que há de mais real em sua existência. a paixão é a força motriz fundamental da natureza humana. Aqui, Nietzsche realiza uma "inversão" de valores, elevando paixões como "desejo de vingança", "egoísmo" e "impulso sexual" a fatores originários da vida. Na direção oposta, Nietzsche define a virtude de Kant como a união entre



o comportamento moral e a virtude moral através do processo de moralização por meio de forças e convenções tradicionais.

Em “A genealogia da moral”, Nietzsche fala de um certo tipo de natureza "nobre", que tem uma disposição positiva em relação à vida. A pessoa superior define, conceitua e abraça a virtude como qualquer coisa que a exalte (glorifique), independentemente de quaisquer atos altruístas. Desse ponto de vista, o comportamento humano é movido por interesses especiais ou egoístas. Ao contrário, a moral da espécie parte da negação e é a moral da obediência ao Estado (NIETZSCHE, 2017).

A moral servil é coerente com a ética kantiana, que Nietzsche erroneamente equipara “paz”, “igualdade” e “bondade” com bondade, chamando-a de moral coletiva (NIETZSCHE, 2009). Nietzsche conclui que a bondade mais característica do homem foi rejeitada em toda a tradição filosófica, onde todas as fraquezas são confundidas com virtudes. Nietzsche criticou a moral de Kant por considerar uma forma de escravidão moral que reprimia os impulsos vitais e negava a verdade naturalidade humana. Para Nietzsche, a moralidade deve basear-se na afirmação da vida e da vontade de poder, permitindo que os indivíduos desenvolvam plenamente suas potencialidades e diferenciem-se do rebanho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre Nietzsche e Kant no campo da moral é complexa e marcada por contrastes significativos. Enquanto Kant estabeleceu sua ética deontológica baseada em princípios universais e na obrigação moral, Nietzsche propôs uma crítica contundente a essa abordagem, questionando a validade de valores absolutos e propondo uma perspectiva mais perspectivista e individualista.

Nietzsche, ao contrário de Kant, rejeitou a ideia de que a moralidade deveria ser regida por normas universais e afirmou que os valores morais são contingentes, emergindo das vontades de indivíduos e culturas específicas. A perspectiva nietzschiana enfatiza a natureza subjetiva e em constante transformação dos valores, desafiando a rigidez do imperativo categórico kantiano.



Essa dicotomia entre Nietzsche e Kant pode ser considerada um conflito extemporâneo, uma vez que ambos os filósofos oferecem abordagens radicalmente diferentes para a fundamentação da moralidade. Enquanto Kant busca uma ética baseada na razão e na universalidade, Nietzsche destaca a importância das forças instintivas, do poder e da individualidade na construção dos valores morais.

Em última análise, a divergência entre Nietzsche e Kant representa uma tensão duradoura no campo da moral, refletindo diferentes visões sobre a natureza humana e os fundamentos éticos. Embora possa ser considerado um conflito extemporâneo, essa dicotomia continua a desafiar e enriquecer as discussões contemporâneas sobre a ética, convidando a uma reflexão constante sobre as bases morais que guiam nossas ações e valores.



## REFERÊNCIAS

BORGES, Maria de Lourdes; DALL'AGNOL, Darlei; DUTRA, Delamar Volpato. **Ética**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

BORGES, Maria de Lourdes; HECK, José (Org.). **Kant: liberdade e natureza**. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche X Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever**. Rio de Janeiro: Casa da palavra / São Paulo: Casa do Saber, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche** vol. II. Tradução de Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. 1ª ed. Tradução de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2003.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009.

\_\_\_\_\_, Immanuel. **A paz perpétua: um projecto filosófico**. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Lusosofia, 2008.

LEITE, Flamarion Tavares. **10 lições sobre Kant**. 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MARTON, Scarlett (org.). **O pensamento vivo de Nietzsche**. São Paulo: Martin Claret Editores, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade do poder**. Tradução de Marco Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



\_\_\_\_\_, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Humano demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **O anticristo**: maldição contra o cristianismo. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009.

\_\_\_\_\_, Friedrich. **Para além do bem e do mal**. Tradução Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

OLIVEIRA, J. **A solidão como virtude moral em Nietzsche**. Curitiba: PUCPRESS, 2010.

PASCAL, Georges. **O pensamento de Kant**. 2ª ed. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

WOOD, Allen W. **Kant**. Tradução de Delamar José Volpato Dutra. Porto Alegre: Artmed, 2008.

\_\_\_\_\_  
*Recebido: 01/02/2024*

*Aprovado: 21/06/2024*